

Lima Barreto Enquanto Promessa

Mestrando João Gonçalves Ferreira Christófarosilva¹ (UFMG)

...

Resumo:

Tomando como ponto de partida as críticas de José Veríssimo à obra de Lima Barreto, o Diário íntimo desse escritor e A vida de Lima Barreto, de Francisco de Assis Barbosa, pretendemos observar os modos pelos quais a obra e a imagem desse autor foram marcadas pelo signo da promessa. Se nas primeiras críticas de Veríssimo podemos encontrar a articulação entre a crítica a um personalismo excessivo de Lima Barreto e a assunção de um grande potencial a ser desenvolvido, no Diário íntimo e em A vida de Lima Barreto a relação entre a situação do escritor no início de sua carreira e o desenrolar de seu futuro adquire características bastante diversas, participando, cada um a seu modo, da construção de escritor e obra desde o início fadadas ao fracasso, como em uma tragédia anunciada, em uma intensa intertextualidade entre o escrito e o vivido.

Palavras-chave: diário de escritor, imagem do escritor, recepção

1. Introdução

Em ensaio intitulado "Valéry como símbolo", introduzindo uma aproximação entre Paul Valéry e Walt Whitman, Jorge Luis Borges afirma o seguinte:

Aproximar o nome de Whitman ao de Paul Valéry é, à primeira vista, uma operação arbitrária e (o que é pior) inepta. Valéry é símbolo de infinitas destrezas, mas também de infinitos escrúpulos; Whitman, de uma quase incoerente mas titânica vocação para a felicidade; Valéry personifica ilustremente os labirintos do espírito; Whitman, as interjeições do corpo. Valéry é símbolo da Europa e de seu delicado crepúsculo; Whitman, da manhã na América. O orbe inteiro da literatura parece não admitir duas aplicações mais antagônicas da palavra poeta. Um fato, entretanto, une-os: a obra dos dois é menos preciosa como poesia que como signo de um poeta exemplar, criado por essa obra. (BORGES, 1999, p. 69)

A força da afirmação contida no último período da citação, ao mesmo tempo insólita e desconcertante, em que a figura do poeta enquanto signo produzido pela escrita é colocada em primeiro plano, deixando de lado uma série de procedimentos usuais de comparação e análise (procedimentos que, podemos arriscar, condenariam a aproximação à arbitrariedade e à inépcia) e abrindo espaço, nesse mesmo gesto, para que venha à tona toda uma série de questões sobre a relação entre o escritor e sua obra, questões que, no entanto, já se encontram bastante distanciadas da antiga concepção da vida enquanto fonte, causa e chave da obra, poderia nos fazer pensar sobre a presença e a importância da criação destes signos, em escritores de um modo geral, mesmo que fora de um domínio de exemplaridade.

Eneida Maria de Souza, em textos que, não por coincidência, fazem referência constante à obra de Borges, propõe abordagens para que pensemos não só no signo do escritor criado pela própria obra, mas também nas imagens construídas pelas próprias tomadas de posição do escritor, seus escritos tradicionalmente vistos como não-literários, sua circulação social, a criação de suas redes de sociabilidade, etc. (SOUZA, 2002, p. 116), colocando-se, enquanto textos, em relação com sua produção tida como literária, através de uma intertextualidade que não se limita ao domínio restrito do escrito, mas inclui também o texto do vivido, ambos compondo o universo simbólico e dele participando (SOUZA, 2004, p. 59). O escritor, desse ponto de vista, entendido como identidade "mitológica, midiática e fantasmática" (SOUZA, 2002, p. 116), participa da construção de si enquanto escritor, e sua vida é, desse modo, também uma aposta em favor de sua permanência na posteridade.

No entanto, ao contrário do que talvez possa parecer, por mais que tentem, os escritores não têm controle total sobre sua imagem, visto que também participam dessa construção os seus pares, os leitores e os críticos - tomemos como exemplo a citação de Borges: ao dar relevo aos signos de poeta criados por Whitman e Valéry, o escritor argentino não simplesmente evidencia, através de uma observação precisa, algo que estaria como que escondido no fundo das obras dos dois poetas, mas antes, através de uma afirmação inesperada, rompe o raciocínio que operava uma oposição sistemática entre eles e, desequilibrando-a, faz surgir dela uma semelhança que se apoia, em grande parte, nos predicados aos quais o próprio Borges recorreu para, inicialmente, separá-los (e nos quais é evidente um recurso à adjetivação hiperbólica: "infinitas", "infinitos", "titânica"). Além disso, como é possível intuir a partir da afirmação anterior, essa construção não parece poder ter fim, a não ser no caso de um esquecimento definitivo de um escritor e de sua obra (esquecimento este que só pode, de qualquer modo, ser suposto).

Por fim, como talvez já tenha ficado claro, cabe ressaltar que a essa construção também corresponde uma intensa circulação de imagens, na qual opera uma também intensa produção de símbolos que, se muitas vezes se repetem, inúmeras vezes se refratam, se superpõem, se rasuram, se deslocam. Tais imagens, então, sejam elas exemplares ou não, parecem ser construídas e destruídas na conjunção, no diálogo e no combate de uma multiplicidade de discursos, provenientes das mais diversas instâncias.

Um personagem da literatura brasileira sobre o qual parece incidir uma quantidade fora do normal de imagens desse tipo é Lima Barreto. Desde as inúmeras acusações de personalismo apresentadas contra ele pela crítica sua contemporânea e suas tomadas de posição na discussão sobre os papéis do escritor e da literatura, até a confecção de biografias e a apresentação de signos do escritor muitas vezes exemplares, retirados de sua obra por pesquisadores e críticos que procuraram resgatá-lo de um certo ostracismo, podemos perceber diversos feixes de discursos que o colocam sob signos variados, que vão do desprezo total à mitologização/martirização, passando por ambíguas incompreensões e "quase lá"s.

2. Personalismo e promessa

Se começarmos pelos julgamentos seus contemporâneos, veremos que tem grande força a ideia de que sua produção carece de trabalho artístico, apresentando-se como mero decalque de sua vivência e de suas amarguras. Daí a asserção de que seus personagens são projeções, máscaras ou personas

de si mesmo, asserção essa que não parece jamais ter deixado de aparecer em sua crítica, permanecendo até hoje como uma espécie de elemento de fundo sempre pronto a ascender à superfície (embora sempre haja a possibilidade de que esse movimento provoque também uma mudança valorativa radical).

No entanto, mesmo neste primeiro momento, em que o julgamento de que existe alguma espécie de excesso de realidade povoando sua ficção prevalece como crítica negativa, parece ser constante, também, o posicionamento de Lima Barreto sob o signo de um "quase lá", que, neste momento, adquire ares de promessa: se o excesso de personalismo aparece como fator inegável que constrange ou limita, de algum modo, seu trabalho propriamente artístico, também a posse de um grande talento ou potencial não deixa de ser reforçada como característica evidente.

Postura que pode ser tomada como emblema deste tipo de posicionamento é a de José Veríssimo, que, emitindo julgamentos em dois momentos diferentes, um abertamente elogioso e um outro, em carta particular, carregado de censuras, consegue marcar de modo exato essa ambivalência de posicionamentos.

O primeiro momento, do elogio, se dá em artigo publicado na "Revista Literária", suplemento do *Jornal do Commercio*, no dia 09 de dezembro de 1907, e trata de alguns escritos da revista *Floreal*, na qual havia sido publicado o início das *Recordações do escrivão Isaías Caminha*:

Ai de mim, se fosse a "revistar" aqui quanta revistinha por aí aparece com a presunção de literária, artística e científica. Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me parecem sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que, com o nome esperançoso de *Floreal*, veio ultimamente a público, e onde li um artigo "Spencerismo e Anarquia", do Senhor M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, pelo Senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma coisa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão. (VERÍSSIMO, 1907)

Mesmo que o elogio da simplicidade e sobriedade seja compartilhado com outros textos do volume, a excepcionalidade atribuída à revista e a citação nominal de Lima Barreto parecem corroborar a ideia de uma promessa literária ligada à imagem de nosso escritor. A ideia desta promessa permanece mesmo no segundo momento da crítica de José Veríssimo, em que, após ter recebido um exemplar do primeiro romance publicado por Lima Barreto, agora completo, José Veríssimo escreve uma carta a Lima Barreto, apontando uma série de problemas e incorreções:

Há nele o elemento principal para os fazer superiores, talento. Tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo, e outras que o senhor mesmo, estou certo, será o primeiro a reconhecer-lhe, mas com todos os seus senões é um livro distinto, revelador, sem engano possível, de talento real. Não lhe estou fazendo crítica, da qual estou por completo afastado. Há nele, porém, um defeito grave, julgo-o ao menos, e para o qual chamo a sua atenção, o seu excessivo personalismo. É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente demais que o é. Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidade para fazer, é representação, é síntese, e, mesmo realista, idealização. Não há um só fato

literário que me desminta. A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados d'alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras.

Vê que nem a estima real que tenho pelo seu talento revelado neste livro me faz perder os maus vezos de velho crítico, e que lhe digo, com a sinceridade que devo à sua estima, os senões que me parece há nele. Esses o senhor, estou certo, os reconhecerá espontaneamente – e é ainda a melhor crítica – e deles se corrigirá em novas obras mais perfeitas que as nossas letras lhe hão de dever. [...] Felicito-o pelo seu livro, ao qual desejo o bom sucesso que merece, e rogo-lhe creia nos sentimentos cordiais com que sou seu confrade e obrigado

José Veríssimo (VERÍSSIMO *apud* BARRETO, 1956, p. 203–205)

Embora precedido e sucedido de elogios e sempre mantendo a percepção de que existiria em Lima Barreto um talento ímpar, é impossível não observar o aparecimento da grande e insistente censura à obra de Lima Barreto, a saber, um pretensão personalismo e uma suposta carência de trabalho propriamente artístico ou ficcional (no caso, representação, síntese, idealização, etc.).

Mais do que entender os seus motivos, nos interessa mostrar o quanto esta ambivalência da posição de Veríssimo - a promessa e o personalismo - pode ser utilizada como uma espécie de ponto de partida para a observação de diversas imagens construídas sobre Lima Barreto pela sua crítica, que articula e rearticula de modos variados muitos dos elementos já aí presentes.

É evidente o modo como a questão do personalismo se relaciona com as demais abordagens de cunho biografista da obra do escritor carioca, sejam elas suas contemporâneas ou não. No caso das críticas negativas, como sugere, entre outros, Pires (1995, p. 33–37), podemos observar o modo como "defeitos" atribuídos ao autor são relacionados a "defeitos" das obras: alcoolismo e boêmia são associados ao desleixo ficcional, o preconceito sofrido por ser pobre, suburbano e mulato e a amargura daí resultante associados à revolta e ao caráter panfletário de sua produção, etc.. Tais considerações sobre sua vida e sua obra muitas vezes se cristalizaram em epítetos que, novamente, não necessariamente permanecem carregados de uma valoração negativa: seria o caso de pensarmos, aqui, o modo como epítetos como "revoltado", "boêmio", "desleixado", etc., passaram a ser utilizados como operadores cuja função passa a ser sobretudo valorizar a produção de Lima por oposição à chamada literatura oficial sua contemporânea, em uma argumentação em que adjetivos outrora elogiosos - dentre os quais poderíamos eleger, talvez, a *correção* como maior exemplo - assumem agora a posição que era antes ocupada pela revolta e o desleixo limanos.

Poderíamos pensar, aqui, na biografia escrita por Hécio Pereira da Silva, intitulada *Lima Barreto escritor maldito*, em que a alcunha de "maldito" passa a sintetizar todos os desvios de Lima Barreto em relação aos conceitos de literatura vigentes em sua época, participando também de um processo de mitologização do escritor, ligando-o ao *topos* do escritor incompreendido, dissidente, etc.. Aqui, muitos dos signos que marcam fortemente os discursos críticos sobre Lima Barreto, parecem ser levados a níveis extremos de idealização e mitificação. Nesse movimento, algo que poderíamos considerar como um traço constitutivo das biografias de um modo geral, a saber, a transformação de uma vida em uma história e daquele que a viveu em um personagem, também se

constroem história-vida e escritor-personagem sobre um plano geral cheio de sentido e heroísmo. Um bom exemplo poderia ser a seguinte afirmação, lançada logo no início de seu texto:

O escritor que silencia já nasceu morto. O escritor que não incomoda acaba refestelado em cadeiras acadêmicas, glorificado por outro extinto imortal. O escritor, enfim, bem-comportado toma chá às quintas-feiras. Lima Barreto tomava cachaça todos os dias. Às vezes, era obrigado a parar: tirava férias no hospício. (SILVA, 1981, p. 25)

É possível perceber que, em um único lance, não só se estabelece um comportamento e um modo de ação que diz respeito ao escritor de um modo geral - que, se quer viver, não pode silenciar -, como também liga toda a vida deste escritor específico ao sentido de sua obra - Lima Barreto, vivendo distante do bom comportamento dos escritores de então, produz uma obra também incômoda, mal comportada -, ecoando, a partir daí, um outro sentido de totalidade e coerência em sua trajetória, de modo justamente oposto aos primeiros juízos críticos que, embora também vissem tal coerência e tal totalidade, o faziam por um viés negativo.

Em uma outra biografia de Lima Barreto, sem dúvida a mais conhecida e mais influente, escrita por Francisco de Assis Barbosa e intitulada *A vida de Lima Barreto*, podemos encontrar muitos dos elementos apresentados acima, embora colocados de forma mais branda. Permanece a forte ligação entre vida e obra, sendo que em muitos momentos os trechos de romances e contos são citados como fontes hipotéticas para a apreensão de sua vida, em uma estrutura que, em movimento que nos parece bastante interessante, às vezes explicita seu caráter especulativo e imaginativo.

Sozinho, no silêncio do quarto pobre da pensão da Rua das Marrecas, devia chorar como Isaías. Nessas horas, vinha-lhe com certeza "um assomo de ódio, de raiva má, assassina e destruidora; um baixo desejo de matar, de matar muito gente", para depois invadir-lhe a alma "uma grande covardia e um pavor sem nome... amedrontado em face das cordas, das roldanas, dos contrapesos da sociedade", sentindo-os por toda parte, graduando os seus atos, anulando os seus esforços, esmagando-o, achatando-o completamente. (BARBOSA, 2002, p. 115)

Além desse procedimento que só faz reforçar o caráter ficcional e romanesco que toda biografia tradicional acaba por assumir, é bastante interessante a forma como é emoldurada a vida de Lima Barreto, dividida em capítulos cuja sequência não deixa de conotar uma trama inevitavelmente ligada à arte: se os três primeiros, intitulados, respectivamente, "Infância", "Adolescência" e "Mocidade", bem como o quinto, "Maturidade", se relacionam com uma divisão mais tradicional da vida em determinadas fases, o quarto capítulo, intitulado "Intermezzo", bem como o sétimo, denominado "Epílogo", parecem sugerir um intercâmbio entre vida e obra de arte em que uma fase de transição é vista como o trecho de uma peça musical e a morte como o fim de um livro. O texto da vida de Lima Barreto vai se delineando, assim, como uma ascendente que, no entanto, chegou a um ponto de declínio - título, aliás, do sexto capítulo - cedo demais, antes de cumprir todo o seu potencial. Voltamos, desse modo, à ideia de Lima Barreto como promessa que não se cumpriu em sua totalidade. Nesse sentido, parece-nos revelador o fato de Francisco de Assis Barbosa afirmar que o *Cemitério do vivos* - justamente o seu romance inacabado - seria, talvez, sua

obra-prima (BARBOSA, 2002, p. 326). No entanto, se naquela segunda crítica de José Veríssimo a promessa ainda poderia se cumprir, vemos aqui quase que a constatação de um fracasso que, envolto em uma série de desajustes, preconceitos, traumas, etc., se apresenta como tragédia anunciada, que, novamente, emoldura sua vida em uma história total e coerente. Grande exemplo da construção dessa tragédia anunciada é o modo como o nascimento de Lima Barreto será apresentado neste texto:

Afonso Henriques nasceu numa sexta-feira, 13. Treze de maio de 1881. Dia e número aziagos, dirão os supersticiosos, com riso amarelo. E mais seguros ficarão da má sina do menino, ao saberem que veio ao mundo na data em que se comemora Nossa Senhora dos Mártires, embora tivesse como protetora, à hora do batismo, Nossa Senhora da Glória, de quem João Henriques era devoto. Não verificamos qual a posição dos astros nesse dia, mas não deveria ser lá muito favorável, pois essa força misteriosa e desconhecida que se chama destino sempre conspirou contra Afonso Henriques de Lima Barreto. (BARBOSA, 2002, p. 49)

A esse destino que conspira contra o escritor e contra sua vida tornada mítica e mística, poderíamos observar também em diversas outras instâncias o transparecer de um outro destino colado ao nosso escritor: a própria literatura. Além disso, nos parece interessante o modo como se articula, aí, um entrelaçamento entre a vida de Lima Barreto e a cultura brasileira – não só pela conexão simbólica estabelecida entre o nascimento de Lima e o dia santo, que antevê sua trajetória como a trajetória de um mártir, como também pela sua data de nascimento, que alguns anos depois seria a data da proclamação da Lei Áurea, que também reforça a conexão entre o escritor e a questão do negro no Brasil.

Pode ser interessante cotejar rapidamente tais julgamentos com trechos do *Diário íntimo* de Lima Barreto. Não nos será possível abordar detalhadamente as especificidades do diário enquanto gênero, mas como uma advertência breve, basta dizer que nossa posição sobre este tipo de texto está longe da atribuição de características como sinceridade ou teor documental transparente. Antes, para os objetivos deste texto, preferimos imaginar o diário como um local em que se desenvolvem construções sobre a atividade literária, o escritor e sua obra. Nesse sentido, vale ainda lembrar que, por suas características formais, em especial a presença de múltiplos presentes da enunciação, que fragmenta o texto, formando um todo sempre incoerente e lacunar, tais representações não podem ser totalmente controladas pelo escritor, que deve sempre se equilibrar entre as contingências do presente e o olhar para a posteridade.

Em um dos mais ricos trechos do *Diário íntimo*, de janeiro de 1905, anterior à sua estreia na literatura, portanto, o escritor prevê, de certo modo, sua trajetória literária e a sua relação com a escrita e com a crítica. Podemos ver que, nesse trecho, sua escrita e sua literatura aparecem, *por antecipação*, sob o signo do sofrimento e do fracasso, os quais não podemos separar do que a crítica vê como um personalismo exagerado:

Temo muito pôr em papel impresso a minha literatura. Essas ideias que me perseguem de pintar e fazer a vida escrava com os processos modernos do romance, e o grande amor que me inspira — pudera! — a gente negra, virá, eu prevejo, trazer-me amargos dissabores, descomposturas, que não sei se poderei me

pôr acima delas. Enfim — “une grande vie est une pensée de la jeunesse réalisé par l’âge mür”, mas até lá, meu Deus!, que de amarguras!, que de decepções!

Ah! Se eu alcanço realizar essa ideia, que glória também! Enorme, extraordinária e — quem sabe? — uma fama europeia.

Dirão que é o negrismo, que é um novo indianismo, e a proximidade simplesmente aparente das coisas turbará todos os espíritos em meu desfavor; e eu, pobre, sem fortes auxílios, com fracas amizades, como poderei viver perseguido, amargurado, debicado? (BARRETO, 1998, p. 50)

Antes mesmo de provar a glória ou o fracasso, a ânsia pela sua recepção, o silêncio diante de sua obra, o escritor já considera que será incompreendido, rechaçado. Ainda assim, permanece a força da vontade, o desejo pela glória, a ideia de que só com a literatura se fará algo bom com a vida: “Mas... e a glória e o imenso serviço que prestarei a minha gente e a parte da raça a que eu pertencço. [...] Se eu conseguir ler esta nota, daqui a vinte anos, satisfeito, terei orgulho de viver!” (BARRETO, 1998, p. 50).

A antevisão de uma trajetória fadada ao fracasso, em muitos sentidos semelhante às considerações de Francisco de Assis Barbosa, e a percepção da potência de sua escrita, que aparece em tantas considerações acerca de sua obra, colocada lado a lado com o modo como a literatura de Lima Barreto se reposicionou nessa distensão temporal em direção ao seu futuro, na qual se estabeleceu como parte do cânone brasileiro, parece sugerir não só a ligação de Lima Barreto ao um certo *topos* narrativo de nossa cultura, que imagina o grande escritor necessariamente como maldito e incompreendido como também o caráter extremamente reversível de toda sorte de julgamento crítico, demonstrando o modo como as trajetórias rumo à imagem consagrada de um escritor se constroem pouco a pouco, em um diálogo constante entre os documentos/monumentos do escritor-personagem, seus críticos e seus leitores.

Além disso, podemos ver aí, novamente, a articulação dessa promessa de escritor com a questão do negro no Brasil, mas agora também participando de um movimento que vai do nacional ao internacional, no qual justamente o romance da escravidão brasileira teria potência de fazê-lo chegar à glória europeia que, diga-se de passagem, parece ser a maior das glórias vislumbradas pelo escritor.

O diário, no entanto, pela sua incoerência constitutiva, nos força a reconstruir incessantemente tais considerações fechadas sobre a trajetória do escritor. Nesse sentido, a presença também insistente da busca pela consagração imediata, que pode ser vista na ansiedade diante da recepção de suas obras ou nas anotações sobre a distribuição de exemplares de seus livros, funciona como um operador que está sempre prestes a puxar o tapete do fracasso contemporâneo, da promessa e do sucesso futuros sobre o qual se ergue o monumento Lima Barreto. Este monumento poderia, a partir disso, se reconstituir de diversas outras maneiras, mas sempre de maneira contingente e precária.

Referências Bibliográficas

1. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
2. BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Correspondência*. São Paulo: Brasiliense, 1956. v. 1.

3. BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Diário íntimo. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998. .
4. BORGES, Jorge Luis. Valéry como símbolo. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999. v. 2. p. 69–70.
5. PIRES, Antonia C. de Alencar. *Confissões dispersas: ficção, memória e história em Lima Barreto*. 1995. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.
6. SILVA, Hércio Pereira da. *Lima Barreto escritor maldito*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.
7. SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. .
8. SOUZA, Eneida Maria de. Saberes narrativos. *Scripta*, v. 7, n. 14, p. 56–66, sem 2004.
9. VERÍSSIMO, José. Revista Literária. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 dez. 1907.

ⁱ Autor(es)

João SILVA, Mestrando

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

joaogfcilva@gmail.com